

educação

TELECOMUNICAÇÕES LEVAM CONHECIMENTO E ATÉ DIAGNÓSTICOS A
PROFISSIONAIS DA MEDICINA EM PONTOS DISTANTES

Tecnologia, uma aliada da saúde

No Brasil e no mundo, é crescente a aplicação das telecomunicações na prestação, educação e gestão de cuidados de saúde, em tarefas executadas por médicos, enfermeiros e outros profissionais do setor. No país, com o Projeto Nacional de Telessaúde Aplicado à Atenção Básica à Saúde, instituído em 2007, essas ferramentas vêm ganhando força no Sistema Único de Saúde (SUS). Tanto que o Ministério da Saúde investiu R\$ 14 milhões em projetos piloto em telemedicina em dez estados e mais R\$ 21 milhões estão previstos para a próxima etapa, que atingirá prioritariamente o norte e o nordeste, atendendo ao pacto pela redução da mortalidade infantil.

Os recursos de telecomunicações estão sendo usados para enfrentar grandes desafios na área da saúde, como a capacitação e a educação permanente das equipes. A Estratégia de Saúde da Família (ESF), por exemplo, tem demonstrado resultados positivos nos indicadores de saúde brasileiros com o auxílio da tecnologia. Para que profissionais prossigam sua formação, o Departamento de Gestão da Educação na Saúde, da Secretaria

de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, do Ministério da Saúde, desenvolveu o Telessaúde Brasil, que oferece à distância o apoio técnico de especialistas para os profissionais da ESF, e a Universidade Aberta do SUS (UNA SUS), que, por meio de universidades, dispõe de cursos certificados. Os conteúdos são compartilhados em rede e o aluno é supervisionado por tutores.

“Também colaborando nesse contexto, a Rede Universitária de Telemedicina (RUTE) é parceira importante do Telessaúde Brasil, a partir de cooperação já renovada entre os ministérios da Saúde e da Ciência e Tecnologia”, explica Ana Estela Haddad, diretora do Departamento de Gestão da Educação na Saúde do Ministério da Saúde. Os números comprovam o sucesso dessas ações. No âmbito do Telessaúde Brasil, de janeiro de 2008 a setembro de 2009, foram realizadas 166.761 consultas, além de exames diagnósticos pela internet nos dez estados atendidos pelo programa. “A telessaúde encurta distâncias e amplia a interatividade e a comunicação, além de facilitar a vigilância em saúde”, acrescenta Ana Haddad.

FORTALECENDO A REDE

Em processo de filiação à Rede Universitária de Telemedicina, Rede RUTE, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) espera ser homologado ainda este ano no programa, abrindo perspectivas para desenvolver, de forma mais intensa, parcerias e trabalho em rede. Está sendo avaliada ainda a criação de um espaço de intercâmbio técnico-científico em oncologia, articulando as diferentes instituições que tratam de câncer no país, facilitando a troca de experiências em ensino, pesquisa e assistência. “Todas essas ações visam, também, a fortalecer a gestão da atenção oncológica no país”, afirma Antônio Tadeu Cheriff dos Santos, responsável pela Área de Tecnologias Educacionais Interativas do INCA.

Em dezembro do ano passado, o primeiro evento de telemedicina foi realizado pela Coordenação de Tabagismo do INCA. Foram apresentados os novos instrumentos de informação do tratamento do fumante, com o apoio da Rede RUTE, com a participação de 51 técnicos de coordenações estaduais do Programa de Controle de Tabagismo, em 17 estados. “O INCA vem participando também das videoconferências da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), relacionadas à Rede de Hospitais Sentinela, da qual é integrante”, ressalta Antônio Tadeu.

O objetivo da Rede RUTE é implantar infraestrutura para a interconexão das unidades de faculdades e hospitais universitários de ensino das diferentes regiões do país em projetos de telemedicina, como esclarece Luiz Ary Messina, engenheiro e coordenador nacional da rede. “Isso permite a comunicação e a colaboração entre grupos de pesquisa nacionais por meio da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP)”, destaca Messina. As instituições criam e coordenam Grupos de Interesse Especial (SIGs – Special Interest Groups), que desenvolvem atividades de pesquisa, ensino e assistência em temas específicos. Messina explica que os 30 SIGs em operação são coordenados pelas instituições e por membros da Rede RUTE, com agendas de sessões de vídeo ou webconferências mensais, quinzenais ou semanais. “Atualmente, há alguns Núcleos de Telemedicina e Telessaúde nas maiores universidades brasileiras”, observa.

EXPERIÊNCIAS DE SUCESSO

Os projetos da Rede RUTE integram 158 instituições de saúde. Hoje, são 36 núcleos e 31 embriões de núcleos conectados e em operação. Este ano, estima-se que outros 12 SIGs se organizem. “Houve um

acréscimo de 137% na participação de instituições nesses grupos em 2009. Em alguns, participaram mais de 400 pessoas em áreas remotas, em sessões de enfermagem intensiva”, conta Luiz Ary Messina.

Merece também destaque a participação da Rede RUTE no projeto Políticas Públicas de Telessaúde na América Latina, iniciativa do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), iniciado em outubro do ano passado, e que reúne Brasil, Colômbia, Equador, El Salvador, México e Uruguai. Além da RedClara (Conexão Latino-Americana de Redes Avançadas), em que a participação do INCA poderá auxiliar na disseminação de protocolos importantes e sua integração com países da América Latina.

Já o Telessaúde Brasil, ao permitir que profissionais da atenção básica se comuniquem com profissionais de referência na solução de casos clínicos pela internet, proporciona a segunda opinião de um especialista. Segundo levantamento, o custo do atendimento com o suporte do programa em Minas Gerais, por exemplo, é 10 vezes mais baixo que o tradicional. Em média, cada município gasta R\$ 80 para encaminhar o paciente a um hospital de média e alta complexidade, enquanto com a teleconsultoria o custo fica em R\$ 7. “Muitas doenças de pele, como hanseníase e até o câncer, estão sendo diagnosticadas pela internet nos estados em que funciona o sistema”, conta Ana Estela Haddad, diretora do Departamento de Gestão da Educação na Saúde do Ministério da Saúde. |

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E TELEMEDICINA

Algumas atividades de telemedicina têm objetivos semelhantes aos da educação à distância, pois ambas utilizam tecnologias da informação e comunicação, como explica Antônio Tadeu Cheriff dos Santos. Entre os processos e tecnologias envolvidos na telemedicina estão a videoconferência, os trabalhos colaborativos entre pares, o apoio técnico à distância (segunda opinião clínica) e até a prestação de serviços em regiões distantes, com consulta on-line e telediagnóstico por imagem. Já a estruturação de cursos e atividades, com finalidade pedagógica específica, caracteriza a educação à distância (EAD), geralmente realizada em ambientes virtuais de aprendizado (Moodle, Teleduc etc.). “A educação à distância pode também usar recursos de vídeo e webconferência”, acrescenta Antônio Tadeu.